

6

Análise da Página Inicial do Serviço de Inteligência Australiano - Australian Secret Intelligence Service

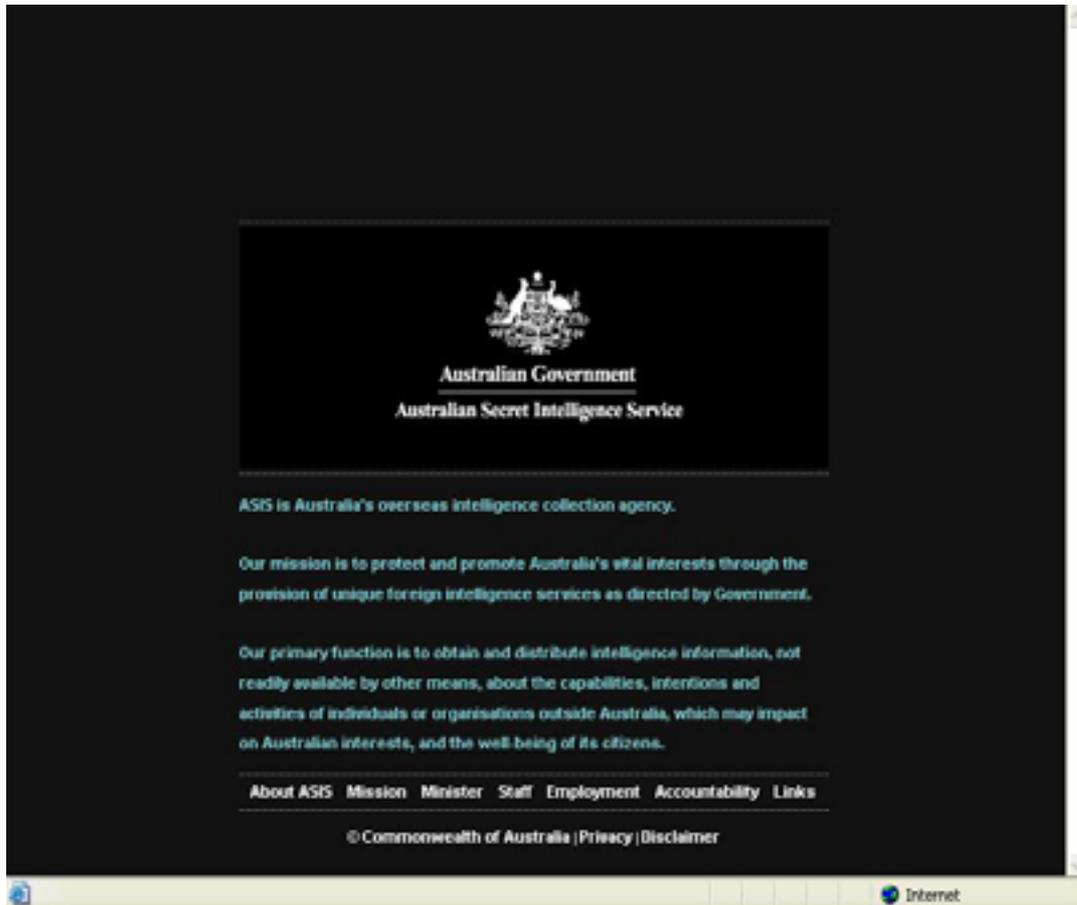


Ilustração 3 – home page do Serviço de Inteligência australiano

Este capítulo traz a análise da página inicial do serviço australiano. Na primeira parte do estudo, examina-se o texto institucional apresentado pela página em termos de sua progressão temática e do arranjo sintático dos complexos oracionais que o compõem. São discutidas também possíveis implicações semânticas de algumas escolhas lexicais do texto. Na segunda parte do texto, desenvolve-se a

análise visual cujos pontos centrais são a predominância da cor preta na página e as linhas divisórias que determinam o layout do texto.

6.1

Análise Verbal do Texto

“Palavras, bem se sabe, são grandes adversárias da realidade”.

Joseph Conrad

ASIS is Australia's overseas intelligence collection agency.

Our mission is to protect and promote Australia's vital interests through the provision of unique foreign intelligence services as directed by Government.

Our primary function is to obtain and distribute intelligence information, not readily available by other means, about the capabilities, intentions and activities of individuals or organisations outside Australia, which may impact on Australian interests, and the well-being of its citizens.

O ASIS é a agência de coleta de inteligência externa da Austrália)

Nossa missão é proteger e promover os interesses vitais da Austrália através do fornecimento de serviços de inteligência externa exclusivos conforme preconizado pelo Governo.

Nossa função primária é obter e distribuir informações sobre inteligência, não disponíveis de imediato por outros meios, sobre as capacidades, intenções e atividades de indivíduos ou organizações fora da Austrália, que possam impactar interesses australianos, e o bem-estar de seus cidadãos. (minha tradução)

A página australiana, quando comparada às duas já analisadas, apresenta ao leitor um texto mais extenso, composto por três parágrafos. O primeiro identifica o serviço australiano; o segundo traz sua declaração de missão, que, neste caso, faz as vezes de lema; e o terceiro descreve a função primária do serviço.

Por intermédio desse arranjo textual, é possível notar que à declaração de missão não é atribuído nenhum destaque. Enquanto nas páginas anteriores o lema

constituía um ponto de saliência visual, na página australiana, a declaração de missão aparece diluída em meio ao texto e sem qualquer recurso visual (e.g., negrito, itálico) que a faça sobressair em relação aos outros dois parágrafos. O papel cumprido pela declaração de missão australiana assim apresentada será discutido logo mais abaixo.

A leitura do texto australiano, sobretudo se feita em voz alta, revela uma cadência monocórdica, resultante de uma estrutura recorrente, em paralelo, comum aos três parágrafos, a qual pode ser descrita como “**X is Y**”, conforme mostra o esquema abaixo:

ASIS	is	Australia's overseas intelligence collection agency.
X		Y
Our mission	is	to protect and promote Australia's vital interests . . .
X'		Y'
Our primary function	is	to obtain and distribute intelligence information . . .
X''		Y''

Cumprir notar que a estrutura “**X is Y**” acima representa, nos três casos, a despeito do “comprimento” de cada um deles, se resume a uma única oração ou a um único complexo oracional. Ademais, as três estruturas “**X is Y**” estão dispostas parataticamente, ou seja, não há nenhum adjunto conjuntivo ou modal que estabeleça conexão entre elas. Essa aparente simplicidade, entretanto, não acarreta um texto de fácil compreensão, conforme veremos quando da discussão da estrutura temática do texto.

Voltando a atenção agora para as palavras que compõem o texto australiano, em termos da classe gramatical a que pertencem, constata-se uma preponderância de substantivos e adjetivos. Esses vocábulos são, em sua maioria, vagos e abstratos e sua compreensão pode diferir substancialmente de leitor para leitor, dependendo do esquema cognitivo que em cada um for ativado. Não é possível estabelecer inequívoca

e univocamente o que se quer dizer com, por exemplo, “*missão/mission*”, “*interests/interesses*”, “*capabilities/capacidades*”, “*intentions/intenções*”, “*well-being/bem-estar*”. Há, além disso, uma outra característica comum a essas palavras, que é o seu cunho marcadamente ideológico (Chimombo & Roseberry, 1998). Todos esses fatores dificultam um entendimento apropriado do texto.

Somada à imprecisão de várias das palavras presentes no texto que dificultam sua leitura, está o arranjo sintático complexo e truncado das orações no segundo e terceiro parágrafos, as quais se desdobram em outras que, por sua vez, se desdobram em outras ainda, comprometendo a fluência do texto.

Na próxima seção, será discutida a estrutura temática do texto como um todo (macroanálise).

6.1.1

Macroanálise Temática

Procedendo à identificação do tema e rema em cada um dos três complexos oracionais, obtemos:

ASIS / is Australia's overseas intelligence collection agency.

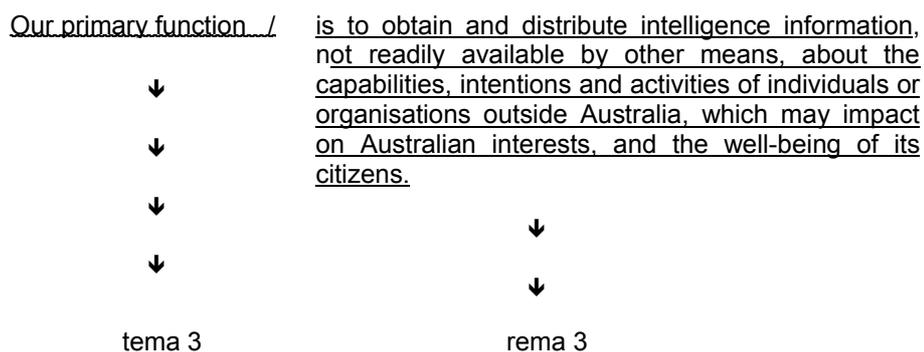
↓
tema 1

↓
rema 1

Our mission / is to protect and promote Australia's vital interests through the provision of unique foreign intelligence services as directed by Government.

↓
tema 2

↓
rema 2



Representando esquematicamente a progressão temática identificada no texto australiano, obtém-se o seguinte:

tema 1 _____ rema 1

tema 1 _____ rema 2

tema 1 _____ rema 3

A progressão acima é um dos padrões descrito por McCarthy (1991) como típico da língua inglesa. Mas, apesar de típico, neste caso, especificamente, tal estrutura temática não parece auxiliar na coesão textual. Ao ler o texto, tem-se a impressão de que não se trata de um único texto, mas de três textos justapostos. Um dos fatores que contribuem para isso é a forma como o tema 1 (da oração 1) é retomado nos outros dois complexos oracionais. O tema na oração 1 é “*ASIS*” e é retomado como “*Our mission*” no segundo parágrafo. A passagem de um tema para o outro é um tanto abrupta porque fica a cargo do leitor estabelecer a conexão entre os dois temas, a qual não é exclusivamente textual, mas sobretudo lógica. Se, em vez de “*ASIS*”, o tema da primeira oração fosse “*We*”, a estrutura temática seria a mesma, porém a passagem do primeiro para o segundo parágrafo se daria mais naturalmente. É preciso esclarecer que o uso de “*we*” em nada impediria o entendimento do leitor pois, na página australiana, acima do texto, há um título que diz “*Australian Secret*

Intelligence Service". Portanto, ao ler "we", o leitor saberia de imediato a que o pronome estaria se referindo.

De igual forma, a repetição da estrutura sintática, "X is Y", em que X, o tema, é um sintagma nominal com, no máximo, três elementos (we, our mission, our primary function), mas "is Y", o rema, é muito mais longo e complexo, variando de sintagma nominal a orações desdobradas em outras orações, confere ao texto um certo desequilíbrio, criando um longo hiato entre os temas. Uma outra progressão temática em que o tema de uma oração fosse resgatado pelo rema da oração subsequente, por exemplo, pudesse, talvez, facilitar a leitura do texto.

Um outro aspecto que reforça a visão do texto como três blocos estanques é a estrutura informacional, que obedece ao mesmo padrão identificado na progressão temática:

dado 1 _____ novo 1

dado 2 _____ novo 2

dado 3 _____ novo 3

Como a estrutura temática coincide com a estrutura informacional no texto australiano, a informação nova será sempre encontrada nos remas. Os remas do texto, no entanto, como sinalizado anteriormente, crescem em complexidade e tamanho de um parágrafo a outro, dificultando o processamento do conteúdo novo por parte do leitor.

Finda a discussão acerca da progressão temática do texto, a análise terá prosseguimento com o estudo de cada parágrafo separadamente. No primeiro parágrafo, o foco recai sobre a oração no que tange ao processo relacional nela representado. No segundo e terceiro parágrafos, faz-se uma análise gramatical dos complexos oracionais que os compõem.

6.1.1.1

ANÁLISE DO PRIMEIRO PARÁGRAFO

Nesta seção, iremos analisar a estrutura temática bem como o processo relacional existente na única oração do primeiro parágrafo do texto.



Antes de iniciar esta seção, é conveniente reiterar que “*ASIS*” é a sigla que abrevia o nome do serviço de inteligência “*Australian Secret Intelligence Service/Serviço Secreto de Inteligência Australiano*”, título encontrado na página australiana, logo acima do texto que ora analisamos. Chama a atenção, é preciso notar, o fato de que o serviço australiano é o único que conjuga, em seu nome, as palavras “*secret/secreto*” e “*intelligence/inteligência*”.

A oração acima, cuja estrutura genérica descrevemos anteriormente como “**X** is **Y**”, é chamada na nomenclatura da gramática funcional de oração identificativa, oração essa que descreve um processo relacional intensivo, na qual **X** é o participante identificado e **Y**, o identificador. A oração identificativa pode ter sua ordem revertida. Sendo assim, seria possível dizer: *Australia's overseas intelligence collection agency is ASIS*, apesar dessa escolha não haver prevalecido. Um outro aspecto das orações identificativas que traz implicações para esta análise é a identificação dos participantes da estrutura como *token/característica* ou *value/valor*. Quando o *token* coincide com o sujeito, a oração está na voz ativa; logo, tem-se um tema não marcado. Por outro lado, quando o sujeito é o *value*, tem-se uma oração na voz passiva e, por consequência, um tema marcado.

O texto da página australiana tem início com “*ASIS*”, o *token* da estrutura “**X** is **Y**”, o que o torna um tema não marcado. Na outra oração cogitada, em que o *value* é o sujeito, o tema seria marcado: *Australia's overseas intelligence collection agency*. Essa ordem, na primeira oração especificamente, dificultaria sua compreensão, porque ela traz uma estrutura informacional marcada, com o “Novo” precedendo o “Dado”, e o único “Dado” do texto, a esta altura, é o título acima do texto que explica o que vem a ser a sigla ASIS.

O rema, “*is Australia's overseas intelligence collection agency*”, compreende também o *value/valor*, “*Australia's overseas intelligence collection agency*”. A despeito de, do ponto de vista estrutural, estar no papel inequívoco de identificador da oração, o *value/valor*, do ponto de vista semântico, não desempenha tal função a contento. A utilização de um sintagma nominal com quatro pré-modificadores não lhe assegura clareza. A dificuldade em entendê-lo não está em seus componentes individuais, mas sim, no fato de que juntos não especificam nada acerca do que vem a ser “ASIS”. “*Australian Secret Intelligence Service*” parece tão ou mais esclarecedor de per se do que quando igualado a “*Australia's overseas intelligence collection agency*”. Não é de fácil detecção o ganho informacional que a oração traz para o leitor.

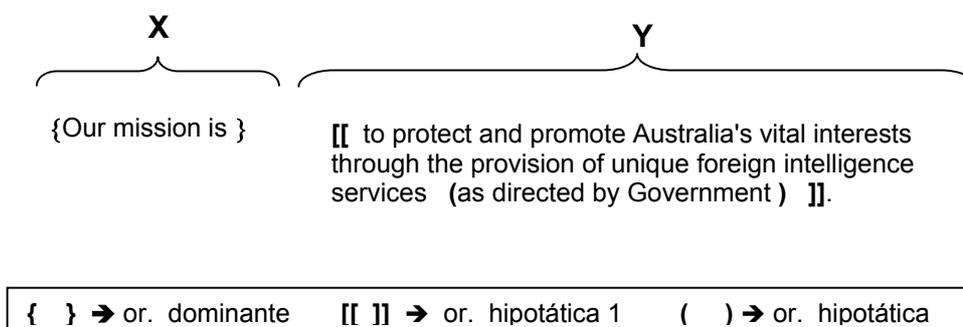
Antes de dar prosseguimento à discussão, é preciso fazer uma observação. Na análise dos complexos 2 e 3, não será feita a microanálise temática pelo fato de que o componente **Y**, da estrutura “**X** is **Y**” ser, nos dois casos, uma oração hipotática e não, um sintagma nominal; pelo mesmo motivo, não serão discutidos os componentes **X** e **Y** na qualidade de *token* e *value*. Acreditamos que essas não seriam as ferramentas de análise mais apropriadas para os objetivos desse estudo. Em seu lugar, procederemos à análise sintática dos complexos.

6.1.1.2

Análise do Segundo Parágrafo

O complexo oracional 2 é uma oração identificativa, “**X is Y**”, em que **X** é um sintagma nominal e **Y** é, por sua vez, uma outra oração, funcionando como um sintagma nominal. Para comprovar esse fato, pode-se inverter a ordem dos componentes **X** e **Y**. Ainda que pouco provável em textos autênticos, tal troca é gramaticalmente possível e resultaria na seguinte oração: *To protect and promote Australia's vital interests through the provision of unique foreign intelligence services as directed by Government is our mission.*

No entanto, é preciso lembrar que a ordem original, “**X is Y**”, obedece à estrutura informacional típica da língua inglesa, com o elemento conhecido precedendo o novo. Como o componente **Y** traz consigo uma mescla de informações, é natural que não ocupe a posição inicial, a do tema, no complexo 2. Passemos, então, ao desmembramento do complexo e, em particular de **Y**:



Tem-se, no complexo acima, três orações. O componente **X**, seguido do verbo “**is**”, compõe a oração dominante ou principal. Já o componente **Y** é uma oração hipotática ou subordinada em relação a **X** (oração hipotática 1) que, por sua vez, se desdobra em duas outras orações:

oração hipotática 1

{ to protect and promote Australia's vital interests through the provision of unique foreign intelligence services } [[as directed by Government]].

{ } → or. dominante'	[[]] → or. hipotática
----------------------	------------------------

Como se vê no esquema, na oração hipotática 1, a primeira oração funciona como dominante em relação à segunda, a oração hipotática 2.

A oração hipotática 1 é não-finita e sua função é elaborar, expandir a oração dominante; na gramática tradicional, ela seria uma subordinada substantiva predicativa reduzida de infinitivo.

A oração hipotática 2 também é não-finita e sua função é qualificar a oração dominante, dizendo, neste caso específico, de que modo os interesses australianos são protegidos e promovidos; nos termos da gramática tradicional, sua classificação seria a de oração subordinada adverbial conformativa reduzida de participio.

É, portanto, fazendo uso de três orações que o serviço australiano estrutura e expressa sua missão. Na oração dominante, o tema “*our mission*”, utiliza o adjetivo possessivo da primeira pessoa do plural em vez de usar o da terceira pessoa do singular, “*its/sua*”, que concordaria com o sujeito da oração no primeiro parágrafo, “*ASIS*”. Ao mudar o foco de “*sua*” para “*nossa*” missão, autor e instituição se fundem na posição temática, desfazendo o efeito criado na abertura do texto, de que a página falaria da instituição que representa em terceira pessoa. Assim, do primeiro para o segundo parágrafo, há a diminuição de um participante envolvido: de três, passa para dois, o que aproxima o leitor do texto. Vejamos a ilustração abaixo:

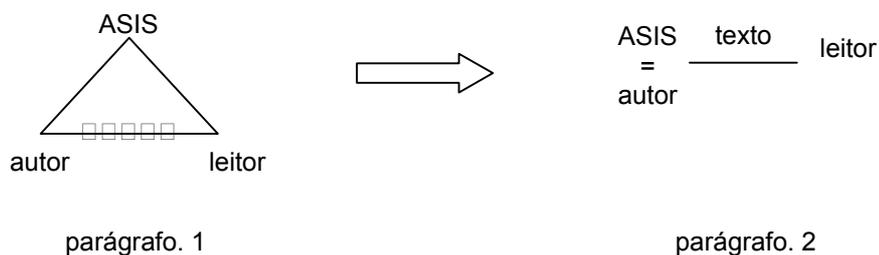


Fig. 12 – o movimento do texto do primeiro para o segundo parágrafo, aproximando o leitor.

A oração dominante realiza dessa forma um movimento acertado na direção do leitor. Contudo, tal movimento cessa na oração hipotática 1 em razão de sua complexidade e extensão. No começo da oração, há um sintagma verbal no infinitivo que possui um mesmo complemento, o sintagma nominal “*Australia's vital interests*”. Na seqüência, verbos e sintagma nominal, por sua vez, são modificados pelo sintagma preposicionado “*through the provision of unique foreign intelligence services*”. E, por último, o conjunto “sintagma verbal + sintagma nominal + sintagma preposicionado” é modificado por uma oração não finita, na voz passiva: “*as directed by Government*”.

A essa seqüência sintática longa, alia-se o significado vago da maioria das palavras que compõem a oração hipotática 1. Sem levar em conta a oração reduzida de gerúndio, que será discutida em termos de voz verbal um pouco mais adiante, algumas observações podem ser feitas com relação aos termos utilizados na oração hipotática 1.

Em primeiro lugar, o verbo “*protect/proteger*” pede um outro complemento além de “*Australia's vital interests/os interesses vitais da Austrália*”: quem protege protege algo/alguém **contra/de** algo/alguém. Não há, porém, qualquer referência a isso na oração. Além disso, “*proteger*”, na linguagem de inteligência é o objetivo da contra-espionagem, ou seja, o autor do texto, neste caso, está empregando um eufemismo. O mesmo se dá com o verbo “*promote/promover*”, que seria a contrapartida de “*protect*”. “*Promover*”, neste contexto, implica conduzir espionagem

que favoreça os interesses australianos. A escolha desses verbos encobre a natureza real da atividade de inteligência.

Um outro ponto que suscita discussão é a presença da palavra “*interests/interesses*”, que vem modificada por “*Australia's*” e “*vital/vitais*”. A vaguidão associada ao vocábulo não é atenuada por nenhum dos modificadores; antes, aparentemente, parece ser agravada por “*vital/vitais*”. Há, no entanto, duas “pistas” disponíveis para auxiliar o leitor que, porventura, questionar o que se quer dizer com “*Australia's vital interests*”. A primeira está na oração reduzida “*as directed by Government*” e a outra é um título que, na página da internet, se encontra imediatamente acima do título *Australian Secret Intelligence Service* e diz *Australian Government* (ver Ilustração 3). Essas pistas revelam ao leitor que os interesses vitais para a Austrália são aqueles que o governo australiano julga como tais. Porém, nem mesmo com essa informação extra se pode afirmar, com alguma precisão, que interesses seriam esses; ou seja, trata-se de um termo que comunica ao leitor informação meramente retórica e, não, factual.

O questionamento que se fez acerca de “*vital interests*” é igualmente cabível com relação ao sintagma nominal “*provision of unique foreign intelligence services / fornecimento de serviços de inteligência externa exclusivos*”. Um aspecto desse sintagma que chama a atenção é o fato de ele ser um tipo de metáfora gramatical, uma nominalização. Lembrando que as metáforas gramaticais são criadas por intermédio do processo gramatical que transforma um verbo ou adjetivo em um substantivo, é possível detectar que se preferiu a forma nominal, “*provision/fornecimento*”, à equivalente verbal, “*providing/fornecendo*”. Com isso, aumenta-se a densidade lexical da oração e apaga-se a idéia de processo associada ao verbo (Halliday, 1994). Aliada a essa escolha pela forma mais extensa, está, novamente, a vaguidão dos termos que a formam. Quais, ou mesmo, o que são efetivamente “*foreign intelligence services / serviços de inteligência externa*” não é dito ao leitor. Mesmo no terceiro parágrafo, no qual se descreve a função principal da instituição, ou seja, a natureza dos serviços por ela prestados, tudo é dito de forma abstrata e indireta. Não há qualquer alusão à espionagem e contra-espionagem, que são, em última instância, os serviços prestados por uma instituição de inteligência.

Observa-se assim que a mesma estratégia textual utilizada no caso dos verbos acima analisados é empregada no sintagma preposicionado: o eufemismo “*intelligence services / serviços de inteligência*”, conjugado a uma forma gramatical prolixa, uma nominalização, que acabam por esvaziar a mensagem de conteúdo.

Um outro vocábulo que desperta interesse na declaração de missão australiana é “*unique/único, exclusivo*”, o único adjetivo usado para expressar aprovação, avaliação positiva acerca da instituição, ao longo de um texto cujo tom é formal e burocrático. A palavra “*unique*” é a única que traz para o texto uma nuance promocional.

Retomemos agora a oração hipotática 2, que modifica a oração dominante da oração hipotática 1: “*as directed by Governmen / conforme preconizado pelo Governo*”. Primeiramente, é preciso observar que essa oração vincula a declaração de missão do serviço australiano ao seu governo, ou seja, a missão a que se propõe o serviço está em conformidade com as diretrizes do governo. Embora essa sujeição ao governo também esteja sinalizada pelos outros serviços, como veremos, o serviço australiano é o único que a expressa como parte do texto verbal, de forma clara e direta. Uma outra característica digna de nota nessa oração é a ocorrência da voz passiva. A outra opção, a voz ativa, seria: “*as Government directs / como preconiza o governo*”. A forma passiva retira o foco do ator, “*Government*”, que recai, neste caso, sobre a ação. Utilizando “*as directed by Government*”, ou seja, a voz passiva, a relação entre ASIS e governo parece ser mais indireta que na voz ativa, “*as Government directs*”. O emprego da voz passiva, sob essa perspectiva, se alinha com as demais estratégias de utilizadas na construção da declaração de missão do ASIS, que, como visto, não prima por uma abordagem franca e incisiva de suas atribuições.

Finda a discussão relativa ao segundo parágrafo, passemos ao terceiro. O terceiro parágrafo anuncia a principal função desempenhada pelo serviço secreto australiano.

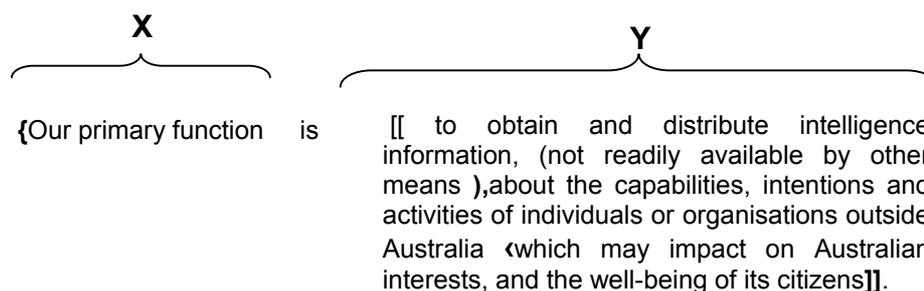
6.1.1.3

ANÁLISE DO TERCEIRO PARÁGRAFO

É necessário fazer uma consideração preliminar quanto ao terceiro parágrafo. No complexo oracional, parece haver uma vírgula desnecessária, precedendo o pronome relativo “*which/que*”. A presença da vírgula torna a oração iniciada por “*which*” uma adjetiva explicativa. Ora, a oração explicativa possui uma função semelhante à do aposto, ou seja, pode ser subtraída sem prejuízo lógico ou sintático para o complexo oracional. No entanto, não é isso que se verifica no complexo 2. A subtração da oração adjetiva compromete o bom entendimento do texto. Entraremos em maiores detalhes acerca das implicações textuais e contextuais da presença ou ausência da vírgula na discussão abaixo. Mas em razão do que foi até aqui exposto, nos permitiremos trabalhar também com a versão editada do texto.

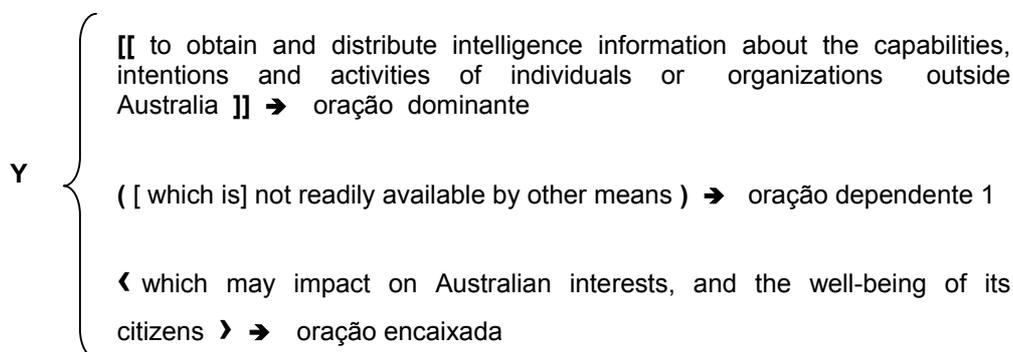
Como já debatido nos dois parágrafos anteriormente estudados, a estrutura básica do parágrafo 3 é também “**X is Y**”, o que significa dizer que, independentemente de sua extensão, é uma oração identificativa. **Y**, no complexo oracional 2, também desempenha função de sintagma nominal e é composto por quatro orações. A inversão dos elementos **X** e **Y**, neste caso, soa ainda mais improvável e artificial que no anterior, mas demonstra que **Y** equivale a um sintagma nominal. Desobedecendo à lógica da apresentação de informação em inglês, na qual aquilo que se conhece precede o que é considerado novo, chega-se à seguinte oração: “*To obtain and distribute intelligence information, not readily available by other means, about the capabilities, intentions and activities of individuals or organisations outside Australia which may impact on Australian interests, and the well-being of its citizens is our primary function*”.

O complexo oracional 2 possui estruturas paralelas às presentes no complexo 1. Desmembrando o complexo 2, “**X is Y**”, obtêm-se as orações abaixo discriminadas:



{ } → or. dominante	[[]] → or. dependente 1
() → or. dependente 2	◁ ▷ → or. encaixada

A oração dominante, o componente **X** acrescido do verbo *is*, é introduzida pelo sintagma “*our primary function/nossa função principal*”, que é então o assunto sobre o qual o componente **Y** trará informação. O componente **Y** é uma oração hipotática que pode ser separada em outras três:



Dentro da oração hipotática **Y**, há uma oração dominante, uma oração dependente e uma oração encaixada. A oração dominante, tal como sua equivalente no complexo 1, é uma oração não-finita que expande e elabora a oração precedente, {our mission is}, cuja classificação, nos termos da gramática tradicional, seria subordinada substantiva predicativa reduzida de infinitivo.

A oração **Y** está construída da seguinte maneira: na posição inicial, há um sintagma verbal, “*to obtain and distribute*”. Complementa o sintagma verbal o

sintagma nominal, “*intelligence information*”, que é modificado por um sintagma preposicionado “*about the capabilities, intentions and activities*”. Esse sintagma, por sua vez, é modificado por outro sintagma preposicionado, “*of individuals and organisations*” e, este, é, por fim, modificado por um último sintagma preposicionado, “*outside Australia*”. A estrutura expressa em sintagmas seria então:

sintagma verbal + sintagma nominal + sintagma preposicionado 1 + sintagma preposicionado 2 + sintagma preposicionado 3

Como mostra esse desmembramento, a oração dominante do componente Y é, novamente, um arranjo bastante extenso. E, novamente, percebe-se, conjugado à extensão, o uso de itens lexicais intrinsecamente opacos, a respeito dos quais cabem algumas considerações.

Analisando o verbo “*obtain/obter*”, constata-se que há, para ele, um único complemento: “*intelligence information/informação de inteligência*”, que responde à questão “*obter o quê?*”. No entanto, podem ser feitas outras perguntas ao verbo tais como “*obter informação de inteligência de quem?*” e “*de que maneira?*”, para as quais o texto não traz respostas. Outra vez, faz-se uso de um eufemismo, pois “*obter informação de inteligência*” é, sobretudo, obter informação através de espionagem.

No caso do verbo “*distribute/distribuir*”, a pergunta “*distribuir o quê?*” é respondida pelo mesmo complemento “*intelligence information*”. Contudo, novamente, parte da informação é suprimida pela oração. Uma outra pergunta que pode ser feita ao verbo “*distribute/distribuir*” é “*distribuir para quem?*”. Não é dito ao leitor, explicitamente, para quem essa informação é distribuída. Mas voltando à oração reduzida “*as directed by Government*” do complexo oracional anterior, obtém-se a resposta. A distribuição da informação de inteligência é feita para o governo australiano. Isso, porém, não é privilégio da Austrália, a doutrina de inteligência assevera que as informações devem ser sempre distribuídas, ou disseminadas, para usar o termo próprio da área, para as autoridades governamentais máximas.

O próximo termo na seqüência da oração é o sintagma nominal “*intelligence information/informações de inteligência*”. Nas home pages previamente discutidas, o vocábulo utilizado foi “*inteligência*”. No caso australiano, parece que a combinação “*intelligence information*” visa distinguir entre informações regularmente obtidas em fontes abertas, tais como jornais, livros e internet, e informações obtidas através de espionagem, que seriam as “*informações de inteligência*”. Há aqui, portanto, outro emprego de eufemismo, que alude à verdadeira natureza da função apenas de forma indireta.

Ainda obedecendo à ordem em que os elementos da oração são apresentados, o foco agora passa a ser o tipo de informações de inteligência que interessa ao serviço australiano obter e distribuir: as informações sobre as “*capabilities, intentions and activities of individuals and organisations outside Australia / capacidades, intenções e atividades de indivíduos e organizações fora da Austrália*”. Os termos “*capabilities / capacidades*”, “*intentions /intenções*” e “*activities / atividades*” são palavras cujos significados são bastante difíceis de delimitar; funcionam como termos guarda-chuva; teoricamente, obter informações sobre “*capacidades, intenções e atividades de indivíduos e organizações*” significa monitorar os movimentos de quaisquer pessoas ou grupos. É preciso também notar que esses vocábulos aparecem em posição estratégica na oração: eles constituem o núcleo do primeiro sintagma preposicionado, ou seja, o foco do sintagma são abstrações impessoais. No entanto, o foco do serviço de inteligência australiano, ou de qualquer outro, são indivíduos e organizações. O uso deste artifício parece revelar uma ponta de preocupação, por parte da instituição, em não ser acusada de conduzir investigações sobre a vida privada de indivíduos ou organizações. Em decorrência desse fato é que se questionou o emprego da vírgula, separando a oração dominante do componente Y da oração adjetiva.

Atentando-se para o esquema abaixo, percebe-se que, se a oração adjetiva vier precedida por vírgula, o pronome relativo “*which /o que*” se refere à oração dominante como um todo, ou seja, aquilo que pode impactar os interesses australianos e o bem-estar de seus cidadãos é obter informações acerca das capacidades, intenções e atividades de indivíduos e organizações fora da Austrália, o

que implicaria dizer, em última instância, que a função do serviço poderia trazer impacto aos interesses australianos.

to obtain and distribute intelligence information about the capabilities, intentions and activities of individuals or organisations outside Australia

which may impact on Australian interests, and the well-being of its citizens.

Na verdade, o intuito do texto parece ser o de restringir o alcance da expressão “capacidades, intenções e atividades de indivíduos e organizações fora da Austrália”. A função da instituição não seria a obtenção de informações acerca de todas e quaisquer capacidades, intenções e atividades de indivíduos e organizações fora da Austrália e, sim, obter informações sobre aquelas que podem vir a ter algum impacto sobre os interesses do país e seus cidadãos. O contexto, portanto, esclarece qual o significado que se pretendia comunicar por meio da oração adjetiva: delimitar que tipo de informação é alvo de interesse da instituição e, não, explicar que obtenção de inteligência pode ter impacto sobre a Austrália. O relativo “which” se refere a “capabilities, intentions ... outside Australia”, como mostra o esquema a seguir:

to obtain and distribute intelligence information about

the capabilities, intentions and activities of individuals or organisations outside Australia

which may impact on Australian interests, and the well-being of its citizens.

Explicada a razão pela qual acreditamos que não deveria haver a vírgula separando o pronome relativo no texto, é preciso tecer uma outra consideração sobre a oração adjetiva que, sob certo ângulo, contradiz o que se tentou demonstrar nos dois últimos parágrafos. Na oração, há um verbo modalizador, o “*may/poder*”, cujo papel é conferir ao verbo “*impact*” um certo grau de incerteza. Se o modalizador não estivesse presente, o tom da afirmação seria categórico, dando conta de que o serviço

australiano obtém informações sobre indivíduos e organizações que terão impacto sobre os interesses do país. No entanto, é próprio da inteligência se antecipar a acontecimentos e, sendo assim, há sempre a possibilidade de erro. Não há como estabelecer com precisão o que acontecerá no futuro e, portanto, uma forma de expressar tal incerteza é utilizando um modalizador.

Por outro lado, no entanto, o modalizador “*may*” traz consigo uma outra implicação. Ao dizer que a função do ASIS é “*obter informações sobre capacidades, intenções e atividades de pessoas ou organizações fora da Austrália que possam impactar os interesses australianos e o bem-estar de seus cidadãos*”, o serviço australiano justifica, de antemão, quaisquer de suas ações. Sem mencionar quais são os critérios objetivos que a instituição utiliza na escolha de seus alvos de investigação, não há como refutar qualquer alegação que ela apresente contra a pessoa A ou a organização B. Em outras palavras, embora a oração relativa tenha uma função restritiva, a presença do modalizador “*may*” atua no sentido oposto, ampliando sobremaneira o espectro coberto pelas palavras “*capabilities, intentions and activities of individuals and organisations outside Australia*”.

Além do modalizador “*may*”, há na oração restritiva a utilização do verbo “*impact*”, que, mais uma vez, não passa de um eufemismo, substituindo algum verbo mais incisivo, porém igualmente vago, como “*prejudicar*” ou “*ameaçar*”. Há também o substantivo “*well-being*”, cujo sentido pode abranger conceitos diversos e não confere ao texto nenhum grau de especificidade.

Finalmente, é preciso retomar a oração dependente 1, a respeito da qual ainda não se discutiu:

([which is] not readily available by other means) ➔ oração dependente 1

A oração dependente 1 é uma verdadeira subordinada adjetiva explicativa. Embora elípticas, o pronome relativo “*which*” e o verbo “*is*” podem ser recuperados; além disso, ela vem separada por vírgulas. O pronome se refere à “*intelligence information*”, o termo que o precede na oração. A presença dessa oração no

complexo oracional parece ter um papel redundante, já que explica que tipo de informações o serviço tem por função principal obter e distribuir, informações que “*não estejam disponíveis de imediato por outros meios*”. Ora, conforme foi previamente discutido, essa é a natureza mesma das informações de inteligência, são informações que não são obtidas de forma ordinária. Tem-se a impressão de que a oração busca reforçar a idéia de que o serviço australiano se ocupa exclusivamente de informações que não estão ao alcance de todos e que só lança mão de seus recursos de inteligência caso os meios tradicionais tenham sido esgotados.

Terminada a análise do texto australiano, vale destacar que ele é o único dentre os três analisados que confecciona, por assim dizer, o próprio texto, sem lançar mão de uma citação de outrem. É também o texto mais extenso e complexo. No entanto, não se pode dizer que seja o texto que mais elucida a natureza da atividade de inteligência; ao contrário, muito embora pareça confrontar as questões intrinsecamente polêmicas do ofício, é um texto de estrutura truncada, repetitiva e linguagem pomposa e burocrática que, unidas, mais se prestam a encobrir conteúdo que a efetivamente trazer informação clara.

6.2

ANÁLISE VISUAL DA PÁGINA AUSTRALIANA

“Há alguma coisa a respeito da cor preta. Você se sente escondida nela”.

Georgia O'Keefe

A página australiana é, em termos visuais, minimalista (ver Ilustração 3). Uma descrição imediata daquilo que se vê na página poderia se resumir ao seguinte: trata-se de um texto escrito por sobre um fundo preto. Em linhas gerais, são esses os dois elementos de maior saliência visual: as cores utilizadas na página e o layout do texto. Eles irão, em função dessa proeminência, servir como fios condutores desta análise.

6.2.1

O PRETO

O fundo preto recobre todo o espaço da página australiana não ocupado pelo texto, o qual aparece escrito parte em branco, parte em azul. Nesse aspecto, a página é a inversão do paradigma que prevalece nos veículos midiáticos tradicionais como livros, jornais e revistas, nos quais se imprime um texto em cor escura, tipicamente, o preto, sobre um fundo claro, tipicamente, o branco (Kress & Van Leeuwen, 1996). Tão forte é essa expectativa que, em português, por exemplo, ela se traduziu na expressão “*pôr o preto no branco*”, utilizada quando se quer formalizar um acordo oral, escrevendo-o em um documento. Sendo assim, ao colocar o “*branco no preto*”, a página australiana subverte, em certa medida, o padrão de apresentação de informação escrita. Essa subversão dá margem, pelo menos, a duas considerações.

Primeiramente, é preciso lembrar que a home page australiana não é uma página de livro, jornal ou revista, que é impressa em papel para circulação; ela é um veículo digital, que, via de regra, não é concebido para impressão. Inclusive pela abundância de recursos e baixo custo da tecnologia necessária para sua construção,

não é raro encontrar home pages, sobretudo, pessoais, inovadoras quanto à utilização de cores, por exemplo, texto em branco sobre fundo preto, na composição de seus hipertextos.

Um outro aspecto a ser considerado em relação à utilização do preto em web pages é o significado que ao preto se associa segundo a psicologia das cores. Esse assunto tem sido objeto da atenção da área de web design. À guisa de ilustração, a web designer Molly Holzschlag (2005) recomenda aos profissionais do ramo a se familiarizem com o significado cultural das cores antes de as empregar nas páginas que estão construindo, e diz que ao preto estão associadas, dentre outras, as idéias de poder, sofisticação e mistério. A autora afirma também que a cor preta representa um paradoxo cultural: em muitas culturas, é tida como a cor da morte e do luto; em outras, especialmente em regiões prósperas e cosmopolitas, o preto denota elegância e sofisticação.

Por outro lado, o contexto no qual a cor preta está inserida, neste caso, é muito particular. Ela é a cor dominante numa página que representa uma instituição bastante peculiar, um serviço de inteligência. A saturação da página com a cor preta, dessa forma, parece ir ao encontro do estereótipo de secretismo associado à atividade de inteligência, uma atividade que lida com informação classificada, sem transparência. O fato de um dos significados possíveis para o preto ser “*mistério*” endossa essa percepção. E ainda um outro aspecto da composição que também aponta na mesma direção é o próprio nome da instituição que explicita o termo “*secreto*”: “Australian **Secret** Intelligence Service” – “Serviço **Secreto** de Inteligência Australiano”. É interessante notar que tanto a língua inglesa quanto a portuguesa utilizam o termo “preto” associado àquilo que é secreto, reservado. Em inglês, num sintagma como “*black programs in the Defense Department*” (literalmente, programas pretos no Departamento de Defesa), a definição para “black / preto” é “*divulgado, por razões de segurança, para apenas um número extremamente limitado de pessoas autorizadas*” (minha tradução) (<http://www.answers.com/topic/black>). E, em português, numa oração como “Comigo é preto no branco”, o sentido seria “Comigo as coisas são feitas às claras, sem subterfúgios”.

Sendo assim, uma leitura possível para o efeito criado pela presença marcante da cor preta na página australiana seria vê-la como uma referência à idéia de mistério e segredo, o que, dentro dessa percepção, serviria também como reforço do estereótipo de secretismo associado aos serviços de inteligência.

6.2.2

O LAYOUT DO TEXTO E A ORGANIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO

O segundo elemento visual de destaque na página australiana é o modo como o texto está organizado, o seu layout que, neste caso, se desenvolve ao longo do eixo vertical. O corpo do texto, ou seja, o texto como um todo, está centralizado em relação às margens laterais, distando cerca de seis centímetros de cada uma delas (em um monitor de quinze polegadas) e está dividido em quatro partes. Essas divisões são estabelecidas por quatro linhas horizontais, pontilhadas, de cor branca, paralelas entre si e de mesmo tamanho, que funcionam como uma moldura para cada uma das partes do texto individualmente e para o texto como um todo. Vale ressaltar que a ausência de linhas verticais não impede que duas molduras sejam visualizadas pelo leitor, uma unindo a extremidade esquerda das linhas pontilhadas, outra, unindo a extremidade direita, como se pode ver abaixo:

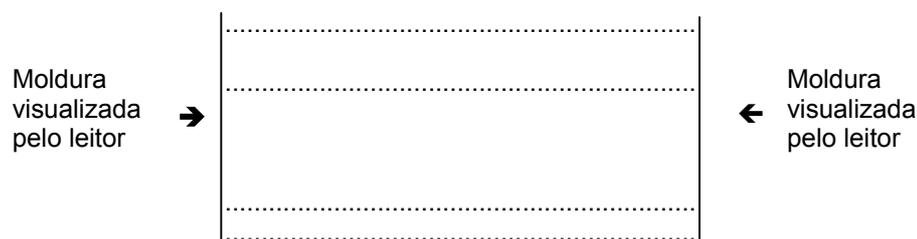


figura 13 – as linhas pontilhadas que emolduram o texto na horizontal e vertical

Na primeira parte, todos os elementos aparecem em branco e centralizados em relação às extremidades da linha pontilhada. De cima para baixo, encontra-se, primeiramente, o brasão do governo australiano; logo em seguida, está o título “Australian Government”, sublinhado em fonte ligeiramente maior que a utilizada imediatamente abaixo no título “Australian Secret Intelligence Service”. Essa parte do texto lembra o cabeçalho de um documento oficial com timbre do governo.

A segunda parte do texto é onde se encontra a informação propriamente dita, o texto estudado na análise verbal. Ele não é centralizado e, sim, alinhado à direita em relação às linhas pontilhadas; aparece em cor azul clara e em fonte diferente da utilizada na parte superior. É composto por três parágrafos, separados entre si por espaçamento duplo. A utilização de cor e fonte diferentes para a parte do texto que é portadora do conteúdo informacional salienta justamente a relevância dessa parte em comparação com as demais.

Os chamados links constam da terceira parte do texto. São seis: *About ASIS*, *Mission*, *Minister*, *Staff*, *Employment*, *Accountability* e *Links*. Estão dispostos em linha horizontal justificada em relação às margens laterais, guardando uma pequena distância um do outro, e aparecem escritos na cor branca. Posicionando-se o cursor sobre eles, contudo, a cor passa a ser azul clara tal como a cor utilizada na parte do texto posicionada imediatamente acima.

Finalmente, na quarta e última parte, entre as duas últimas linhas pontilhadas, encontram-se outros três links que dizem respeito a direito autoral, privacidade e isenção de responsabilidade por parte da instituição: ©*Commonwealth of Australia*, *Privacy* e *Disclaimer*, respectivamente. Eles estão centralizados em relação às margens laterais e separados entre si por uma pequena barra (|), mas, ao contrário dos links da parte 3, quando selecionados pelo cursor, os links da parte 4 não mudam de cor.

Como se pôde ver na descrição acima, as molduras fazem a demarcação de quatro blocos visualmente distintos, mas também distintos no que diz respeito ao conteúdo. E, quando considerados em relação ao conteúdo, de cima para baixo, parecem obedecer a uma gradação que varia entre 'informação de cunho geral' e 'informação mais específica'. É necessário frisar que a gradação se aplica não ao

volume, mas à especificidade da informação contida em cada bloco. Assim, do primeiro para o último, percebe-se um afunilamento do escopo das informações trazidas por cada bloco.

No bloco 1, tem-se a informação de caráter mais geral, a que localiza a instituição dentro da esfera governamental australiana. Vale notar que, dentro do bloco 1, a informação está organizada da mesma forma, geral para o específico. O brasão assinala a identidade do país; em seguida, aparece o título referente ao governo do país e, por fim, lê-se o nome de uma das instituições do governo do país.

O bloco 2 coloca em foco a instituição em si, quem ela é, sua missão e função. Os links no bloco 3, por sua vez, assinalam conteúdos específicos acerca da instituição sobre os quais se pode saber mais. Ilustrando essa discussão visualmente, obtém-se:

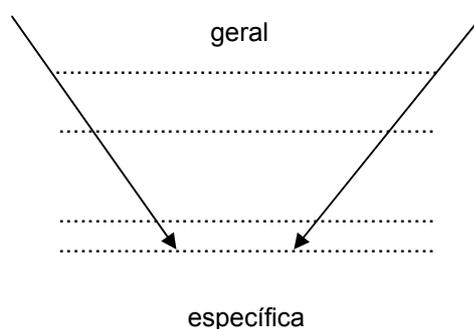


figura 14 – a graduação da informação no texto, partindo da informação de cunho geral para a de cunho específico.

Frente aos dados analisados até aqui, vê-se que a página australiana se articula visualmente lançando mão de poucos recursos visuais; sobretudo, a página se vale da cor preta e do contraste entre o preto e o branco. Esse contraste, entretanto, pode despertar a atenção do leitor para a ausência das chamadas cores nacionais, as cores da bandeira ou aquelas que, por algum motivo geográfico ou histórico, são adotadas como tais. No caso da Austrália, a bandeira é azul escuro, branca e vermelha e as

cores nacionais são o dourado e o verde (<http://www.aussie-info.com/identity/nationalid.php>). Nas outras três páginas analisadas, bem como em várias dentre as 44 páginas originalmente localizadas, as cores representativas de cada país são amplamente utilizadas.

Além da ausência das cores características da Austrália, nota-se na página do ASIS a ausência de qualquer outra imagem afora o brasão australiano, ao qual não se confere nenhum destaque especial, uma vez que aparece em tamanho reduzido e na cor branca, sem nitidez, impedindo a visualização de detalhes. A palavra, portanto, é, na página australiana, o elemento central na comunicação, o signo por excelência. À imagem não é atribuído um papel relevante na composição da mensagem. Nesse sentido, a página não aproveita, por assim dizer, os muitos recursos disponibilizados pelas ferramentas de autoria (inserção de imagens estáticas ou não, diversidade de cores, fontes, sons) para a web.